

THESE

666

MISC. - 04

APRESENTADA Á

Faculdade de Medicina da Bahia

Em 31 de Outubro de 1924

DEFENDIDA EM 22 DE DEZEMBRO DE 1924

POR

Orlando de Calasans Ribeiro

Ex-interno do Hospício S. João de Deus; ex-orador da Beneficência Acadêmica;
ex-auxiliar da S. P. B., no serviço da vacinação anti-typhica.

NATURAL DO ESTADO DE SERGIPE

Filho legítimo de Leonardo Ribeiro e D. Dulce de Calasans Ribeiro

AFIM DE OBTER O GRÃO

DE

DOUTOR EM MEDICINA

DISSERTAÇÃO

Physio-psychologia das emoções

(CADEIRA DE PHYSIOLOGIA)

APPROVADA COM DISTINCCÃO

BANCA EXAMINADORA;

PROFESSORES { Dr. Aristides Novis
Dr. Gonçalo Moniz Sodré de Aragão
Dr. Innocencio Flaviano da Silva

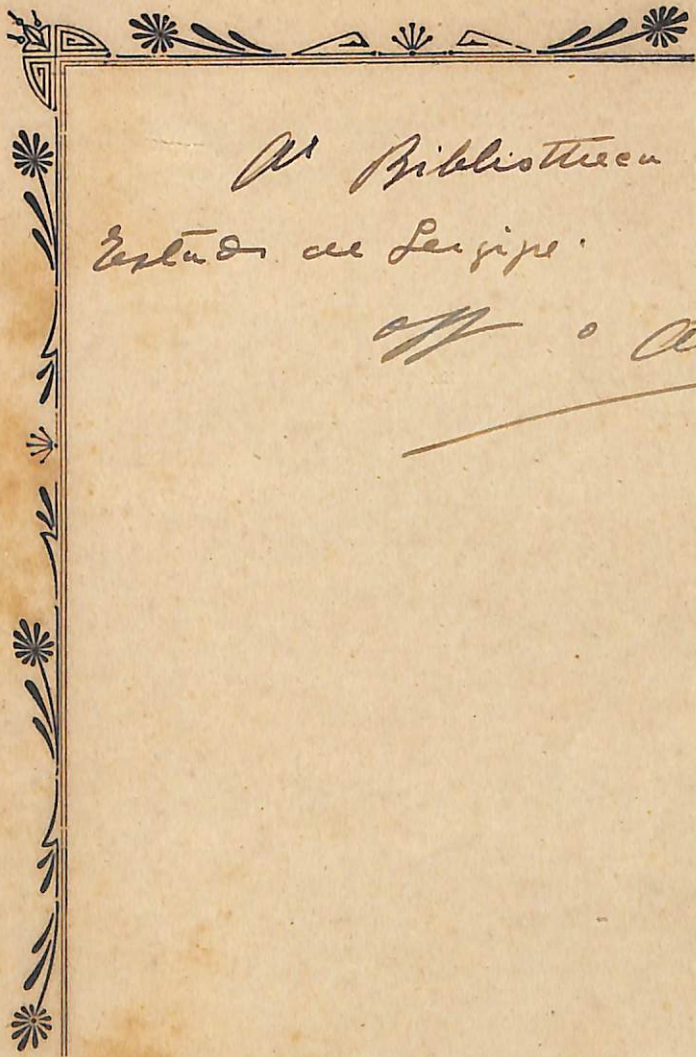


BAHIA

OFFICINAS DA LIVRARIA «DUAS AMERICAS»

3, Rua Deodoro da Fonseca, 3

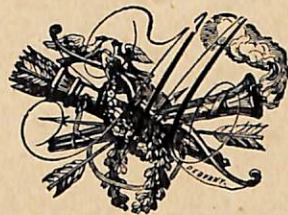
1924



Biblioteca Publica de
Estado de Sergipe.

off. o Autor

Janio
937.



A' sagrada memoria de minha Mãe

Não quiz o destino me fosse concedida a ventura suprema de ter-vos ao meu lado no momento em que me vêjo investido das funcções de sacerdote da religião de Hypocrates; mas, lá da mansão de Deus onde estaes, mandae através dos espaços um osculo cheio de unção que me sirva de conforto em toda minha vida.

A Meu Pae

Ao meu maior amigo, ao mais forte
estímulo na consecução do meu ideal:
—Doutor em Medicina; toda a minha
gratidão, todo o meu affecto.

Aos meus

Tios e Primos

Aos primos e amigos

Elmano e Adelaido

AOS COLLEGAS E AMIGOS

Dr. Nelson Almeida

Dr. Bráulio Suffredini

Dr. Murillo Celestino dos Santos

Dr. João Gonçalves Martins

Dr. Antonio Costa

IN MEMORIAM DA PROFESSORA

D. Maria Lessa de Carvalho

AOS INESQUECIVEIS AMIGOS

D. Annita Lessa de Carvalho

D. Elisa Saldanha de Souza

Durval Carvalho

Ao Mestre illustre e dedicado Amigo

Professor Aristides Novis

*Credor de minha estima e admiração,
as minhas cordiaes homenagens.*

Aos companheiros de internato no

Hospicio S. João de Deus

Parte Geral

A força da nossa vontade, a influencia dos nossos pensamentos a maneira como encaramos a vida, a interpretação por nós dada aos factos e experiencias quotidianas, são factores determinantes da alegria e da decepção que experimentamos neste mundo.

SWETT MARDEN.

La tempeste psichiche, che agitano e compromettono il chimismo del cervello in mameia discontinua e non troppo frequente, ma fisiologica, independentemente da quei cicloni del tatto straordinari che sono le malattie, esistono veramente: esse sono le emozioni.

TANZI.

PROEMIO

«La theorie seule peut engendrer et développer
l'esprit d'invention.»

PASTEUR.

TRANSCREVEMOS aqui, opportunamente palavras de Alfred Vigni: j'écris.... pourquoi? je ne sais.... parce qu'il faut.

Realmente não fôra o respeito a uma tradição, que nos impelle ás lides da publicidade com a feita da presente these de doutoramento, por certo, mal apercebidos que somos, não nos arrostariamos a tanto.

O assumpto visado sobre ser theorico controverso complicado, é por demais extenso para ser contido num trabalho de ambito reduzido como o nosso. Encarando-o, experimentamos a sensação de quem pisa em terreno pouco devassado, onde repetidamente se tompam obstaculos os mais diversos; mas a pertinacia, a vontade indomita de proseguir, a attracção irresistivel de um ideal lobrigado foram o *quantum sufficit* para levarmos avante o intento.

As consubstanciosas prelecções do professor Aristides Novis, illustre titular da cadeira de Physiologia, nesta Escola, fizeram desabrochar no nosso animo o invencivel desejo de bem estudar os diversos assumptos dessa bella Sciencia, que indiscutivelmente representa o mais firme pedestal da medicina.

A physiologia é uma sciencia transcendental. Mantem relações as mais intimas com a philosophia. Em certos passos

ellas chegam até a se confundir. Na parte relativa ás funcções psychicas, a biodynamica, attinge alturas taes, que parece chamar si a resolução dos problemas magnos da criação; e se entrelaça com a cosmogonia, com a theologia, com a physica, com a chimica e até com a propria metaphysica.

O nosso modesto trabalho não é um subsidio á “sciencia da vida;” visa tão somente demonstrar que o mechanismo das emoções, apesar das multiplas theorias que pretendem tê-lo explicado, inda nos dias que correm, é uma interrogação.

Nem mesmo a theoria neuro-tonica, a mais consentanea com a verdade, satisfaz o espirito indagador.

Omissões, erros, falhas, bem o sabemos existirem, que nos perdoem os nossos censores.

Ao presado amigo, Dr. Aristides Novis, de quem sempre recebemos provas da mais flagrante sympathia, ao mestre dedicado que nos acolheu com as opulencias da sua inexcedivel generosidade, um abraço de reconhecimento.

Orlando Ribeiro

DISSERTAÇÃO

Physio-psychologia das emoções

(CADEIRA DE PHYSIOLOGIA)

Corrigenda

Apezar do nosso cuidado e bõa vontade do typographo na revisão das provas, escaparam alguns senões, entre os quaes avultam os seguintes :

Pag.	Linha	em vez de	leia-se
I	5	precente	presente
I	12	topam	topam
11	11	longiqua	longinqua
11	18	despreendimento	desprendimento
13	23	substacidade	substanneidade
76	19	caso	caes
76	7	disabrochar	desabrochar.

CAPITULO PRIMEIRO

Breves considerações sobre a vida psychica

« Bon gré mal gré, le médecin doit être un psychologue et, dans la pratique, il verra que la connaissance du coeur humain lui est plus utile que sa compétence en matière de physiologie normal ou pathologique. »

DUBOIS.

EXPOENTE maximo de sucessivas evoluções da materia, ultimo elo dessa extensissima cadeia vital, consoante o credo darwinista, o homem, mercê da sua mais poderosa arma na "struggle for life." — a intelligencia, não veio ao mundo para quedar indifferente em face dos multivarios enigmas que o cercam; é por indole desejoso de saber o como e o porque das cousas e tal asserto confirma Seneca: *curiosum nobis natura ingenium dedit.*

Os maravilhosos e transcendentaes problemas das origens e da psychologia humana são indubitalmente de quantos o antolham, os que mais o têm interessado e produzido os mais denodados apostolos.

Philosophos, medicos, physiologos, sob aspectos diversos têm intentado, uns ao sabor de idéas metaphysicas, outros de mãos dadas com a experiencia e observação, explicar o donde proviemos, que somos, e para onde seremos conduzidos; "mas

ao lado de suas conquistas que loirejam a frente de seus fervorosos interpretes, a sciencia conta as suas horas de desalento, os seus momentos de desconforto, em que o espirito humano claudica em face dos mais emaranhados enigmas da natureza.

Mas do escombro de cada derrota, surge qual Phenix radiosa, o estímulo de novas conquistas, promissor de novas victorias" (M. Cavalcanti).

DEFINIR é tarefa que se não consegue muita vez, comquanto para tal não escasseiem em quem pretende fazê-lo fecundidade de espirito; é que definir (lat-definire) é explicar a significação de alguma cousa, expôr com precisão, fixar, (Candido de Figuerêdo) em summa, determinar syntheticamente seja o sentido duma palavra, duma phrase, seja a natureza dum factio com clareza e exactidão tanto quanto possiveis; contrariamente, uma definição sendo obscura, eivada de circumloquios é no justo affirmar de Aristoteles, comparavel "á ces tableaux de mauvais peintres qui sont inintelligibles, á moins d'une description pour en expliquer le suget."

Ora, sendo nos dias que correm, inda objecto de discordia a origem, mechanismo e substrato dos phenomenos psychicos, claro está que uma definição para elles, variará segundo o modo de ver de quem pretenda crea-la.

Para os antigos, taes como Pythagoras, Socrates, Platão, Leibnz, Kant e queijandos, e para muitos da actualidade, os phenomenos psychicos são manifestações da alma dirigente da materia: «*Spiritus intus alit, totamque infusa per artus Mens agitat molem, et magus se corpore miscet.*» (*)

(*) Eneida, VI, 726 e 727.

Este dualismo (alma e materia) encontra-se na mór parte das puras religiões de Igreja, em particular nessas tres principaes fórmias do monotheismo que os tres prophetas mais celebres do Oriente, Moysés, Christo e Mahomet fundaram. (Heckel).

O homem é um animal racional, (Aristoteles) ser composto de corpo e alma immortal (Thomaz d'Aquino).

A trilogia universal compõe-se de Deus, Materia individualizada em corpos e Espirito individualizado em almas, coexistindo no composto humano, o corpo, o espirito e o perispirito. (Allan Kardec).

A philosophia peripathetica, cujo desenvolvimento integral se operou desde Aristoteles até S. Thomaz, affirma a unidade ontologica do composto humano, resultante da alma como principio vital e causa formal da existencia, realisada pelo concurso condicionado da physiologia (J. Antunes).

Verdadeira represalia ao materialismo triumphante no final do seculo transacto, nos nossos dias se está a operar movimento de entusiasmo em derredor do espiritualismo, particularmente sob o aspecto de espiritismo.

Á frente dessas idéas vêm-se nomes sobremodo respeitaveis quer nos dominios da Igreja symbolizados em Emyeu, Locher e tantos outros, quer nos arraiaes do espiritismo onde se topam os Crookes, os Logde, os Hodson, os Flamarion, etc.

A theoria evolucionista, lampejo genial de Goethe, Ocken, Lamarck, Darwin, Hoeckel, segundo a qual o homem provém de modificações continuas desde os typos inferiores, theoria universalmente atacada, abriu novos horizontes amplos e claros ao estudo da psychologia.

Para os seus sectarios, os phenomenos psychicos são a

expressão da actividade nervosa; são tão somaticos e physiologicos quanto os demais.

Estudada positivamente, assegura Littré, a psychologia não testemunha nenhuma differença essencial com a physiologia cerebral.

Com Stuart Mill, Spencer Bain, Ribot, Maudsley, Weber, James e outros, ella deixou de ser um capitulo da philosophia para constituir-se sciencia tanto quanto possivel experimental.

Na realidade, parece-nos que aos auctores acima referidos, se dum lado sobejam razões, d'outro se encontram completamente destituídos destas. A psychologia experimental não resolveu em absoluto os problemas capitaes da vida; por isso, inda ella, no momento, não se póde declarar desmembrada da philosophia que no dizer de Barotono, é um complimento da sciencia; surge para substituir por meio de processos analogos e hypotheticos, os mais seguros da sciencia, quando esta não existe ainda; ou para ultrapassa-la, quando esta não póde ir mais longe. Afóra exprimir o evolucionismo da materia, "*Le monde marche*" de Eugenio Pelleten vale ainda mais por uma affirmativa de que a sciencia no seu sensível engrandecimento, irradiando por toda a parte os esplendores da sua pujança, tem levado de vencida muitos obices que a antolhavam.

Negar os progressos scientificos « é incurrir en una solene touteria. Hay una palabra superior a todos los dogmas. Esa palabra es curiosidad. El prurito indignacion es innato en el hombre. Por algo ocupa el lugar superior en la escala zoologica, por algo tiene inteligencia y uso de razón. Además, el hombre ama el peligro. Las hogueias, si quemabam los cuerpos, alumbrabam las ideas. » Ao tempo que se sentiu poderosa, a scien-

cia, deixando-se levar pelo orgulho de sua supremacia incorreu « en el grave pecado de engreimento. Ha perdido el dulce tono de la humildade, hasta el punto de que, llamada a descubrir, se ha dedicado a destruir » (Sebastian Gomila).

Não escasseiam razões ao pensador hespanhol: após gloriosa conquista, as sciencias naturaes nas mãos de^m Hoeckel, Buchner, Strauss e outros, investiram em desabrida offensiva contra quem quer pretendesse dizer não estarem resolvido os mais serios enigmas da natureza. Para estes auctores, mormente o primeiro, as soluções concernentes aos mysterios da criação, do pensamento, da consciencia, do sentimento e do nosso destino, foram absolutamente encontradas. Não é isso o que se verifica. As theorias, no particular, se entrecocam, se desfazem, e as interrogações persistem, cobertas do pó que aquellas deixam atrás de si na sua derrocada.

Os ensinamentos philosophicos — traço de união entre o saber vulgar e o scientifico (Barotono) valem tão somente, sob o ponto de vista em questão, como valioso attestado da grandeza intellectual dos seus evangelisadores.

A alma humana continúa a desafiar a intelligencia para que interpréte nas suas subtilezas e a defina na sua complexidade. Maeterlink, o poeta das abelhas e das flôres, considera um grande bem ao homem o desconhecimento desses factos, ouçamo-lo: "é muito provavel que ninguem neste mundo, nem talvez no outro descubra o grande segrêdo do Universo. E, por pouco que se reflecta, bom é que assim seja. Não temos só de nos resignar a viver no incomprehen-sível, mas a regosijarmos de não poder sahir delle. Se mais não houvesse questões insolueis nem enigmas impe-

netraveis, o infinito não seria infinito; e então seria mistér maldizermos para sempre o destino que nos tivesse collocado um Universo proporcionado á nossa intelligencia O desconhecido e o incognoscivel são e serão talvez sempre necessarios á nossa felicidade ». (*)

O mais suggestivo dos encantos é sem duvida o do mysterio. Não ha belleza sem veu; o desconhecido é o que ordinariamente preferimos. O real nos serve para fazermos melhor ou peor um pouco de idéal. É a sua maior utilidade. (Anatole France).

Classificação dos phenomenos psychicos.

Grasset cataloga-os em dois grandes grupos:

1.º — superiores (conscientes, voluntarios, livres intelligentes).

2.º — inferiores (automaticos, subconscientes intelligentes relativamente, mas não livres).

Syntheticamente a esphera psychica, ou antes a vida psychica envolve tres categorias de phenomenos: 1.º affectivos, 2.º intellectivos, 3.º volitivos; phenomenos que, unidos na personalidade, intervêm na constituição do character individual. A vida affectiva com o ser a primeira a manifestar-se no individuo, muito grande influencia exerce sobre as outras. E assim é que, as idéas para dirigirem as sociedades, fundamentam-se sobre os sentimentos. Spencer diz serem estes que goovernam o mundo; e Michelet observa «que o advento

(*) *La mort*

duma idéa não é tanto a primeira apparição da sua formula como a sua difinitiva incubação, quando, depois de ter sido aquecida pelo amor, desabrocha, fecundada pela força do coração». Stuart Mill, contrariamente faz sentir que não foram «as emoções e paixões humanas que descobriram o movimento da terra». Mas essa descoberta derivou para seu proveito de sentimentos poderosos, sem os quaes não teria tido influencia nenhuma sobre o procedimento humano». Foi na alma dum Pascal e dum Spinoza que a idéa germinou. Foi principalmente neste ultimo que o sentimento da insignificancia do nosso globo no meio do universo, e por consequencia o sentimento da nossa extrema pequenez, tão profundamente penetrou, que ninguem póde viver inteiramente com a sua obra, sem que experimente um pouco a grande calma das cousas eternas. (Jules Payot).

Vida affectiva

“The psychic process is the highest stage in the evolution of life, and as such should be studied not by the instruments of mechanics and chemistry, but by the methods of biology.”

BORIS-SIDIS.

TÃO somente de um aspecto da affectividade, quiçá o mais importante nos vamos occupar: emoções. Antes, faremos ligeiras considerações sobre a irritabilidade, propriedade básica da vida.

«Tout ce qui vit est irritable.» (Beaunis). De feito, qualquer que seja o grau de sua organização, os seres vivos apresentam esse character fundamental de reagir quando excitados. Documentação segura da existencia da irritabilidade, o movimento é uma das credenciaes da materia viva; movimento e irritabilidade são funcções sobremodo unidas; aquelle é uma dependencia proxima ou longiqua desta, por isso que todo o movimento do vivo é uma resposta immediata ou mediata, e mais ou menos prompta, a uma acção do mundo exterior. Movimentos ha para os quaes se não póde invocar o meio externo como excitante; por isso chamam-se espontaneos ou automaticos. A verdade é que tal espontaneidade não é senão apparente; é devida a não nos ser dado surprehendermos as circumstancias determinantes, pois que o despreendimento de energia se produz

sob o influxo de modificações interiores ao abrigo de nossa observação. Por duas especies de movimentos, a irritação se manifesta: a) movimentos chimicophysicos, moleculares, interiores (espontaneos) b) movimentos accessiveis á nossa observação, de translação, de expansão, deslocamento, etc. Não ha dest'arte real automatismo; todo e qualquer effeito requer uma causa, é lei do determinismo.

Nos sêres vivos complexos, a irritabilidade se manifesta sob um duplo aspecto: irritabilidade primitiva e sensibilidade. Esta, alfim é a primeira evoluida e apurada. A irritabilidade antecede todas as reacções psychicas, é a mais simples reacção vital.

No trato continuado com auctores diversos em materia de psychologia, ficou-nos bem patente a confusão reinante entre elles no modo de encarar os diversos aspectos da vida affectiva. Autores ha, segundo os quaes a expressão sentimento tem um ambito sobremodo consideravel, envolve as emoções e as paixões; outros fazem destas e d'aquellas um unico e mesmo phenomeno; Kant, refere Lange, vê nas emoções molestias d'alma, de maneira que a vingár tal criterio «l'âme n'est saine qu'autant qu'elle demeure sans autorité absolue et incontestée de la raison; tout ce qui peu ébranler cette autorité lui parait á la fois musible et anormal.»

O ideologo de Koenisberg, nesse ponto, foi de uma infelicidade deploravel; o seu conceito é até deprimente para o homem, uma vez que anormalisa os sensatos, os que se alegram, os que choram, os que se enraivam, os que se apavoram quando taes reacções emotivas se fazem mistér. Aristoteles assim diz: «chamo paixão ou affeição o desejo, a

colera, o mêdo, a audacia, a inveja, a alegria, a piedade, em summa, todos os sentimentos que originam dôr ou prazer.»

Mais ahi um exemplo frisante de confusão absoluta entre as tres notas da escala affectiva!

Para o philosopho grego, todas as vezes que nos alegramos ou nos entristecemos, apaixonamo-nos!

Hoffding declara não estabelecer nitida distincção entre emoção e paixão. Descartes admite seis especies de paixões primitivas: a admiração, o amor, o desejo, a alegria, a tristeza e o odio. Para Espinosa merecem consideradas tão somente como principaes cinco paixões: desejo, a alegria, a tristeza, a admiração, o desprezo. (Ethica De origine et natura affectum.)

Manifestações das tendencias que animam os individuos os estados affectivos no particular da fórmula, isto é, no tocante a intensidade, persistencia e riqueza de associações mentaes se podem catalogar em sentimentos, emoções e paixões.

1.º—*sentimentos*: são, na symphonia affectiva, o allegro inicial; traduzem as tendencias, os appetites proprios da nossa organização, acompanham a vida regular, possuem caracter constante, são calmos e persistentes.

2.º—*emoções* são o adagio; irrompem por um choque, d'ahi a substancialidade que as acompanham; representam o immediato resultado da nossa organização; oppõem-se ás paixões, accentúa Ribot, como em pathologia o estado agudo ao chronico.

3.º—*Paixões*: são o scherzo, o delirio dos sons; caracteriza-os sobretudo a chronicidade e a predominancia dum

estado intellectual. Estas, segundo S. Thomaz de Aquino, podem ser consideradas sob um triplice ponto de vista:

1.º—«de um modo geral, e neste sentido todas as vezes que um sujeito recebe alguma cousa, se diz que é passivo, que soffre (patit) ainda que nada perca do que tem; mas essa passividade é antes uma perfeição do que uma paixão.

2.º—No sentido proprio e rigoroso, como quando um ente não adquire uma cousa senão perdendo outra, o que pôde acontecer de dois modos. Às vezes o ente perde o que não lhe convém como quando o corpo se cura é passivel de uma cousa, da saúde, e perde outra, a molestia; outras vezes é o contrario, o corpo soffre a molestia e perde a saúde. 3.º o mais rigoroso da palavra paixão ou passividade, porque o estado de passividade existe pela perda de uma cousa que passa ao agente e é precisamente quando uma cousa convém áquelle que a perde que ella parece sobretudo passar para aquelle que a tira.»

Ethymologicamente, paixão diz respeito a todo estado passivo d'alma em franca opposição aos phenomenos em que ella se mostra mais particularmente activa, (Lahr) todavia em sentido restricto tal não é a sua significação; por isso mesmo dos tres aspectos em que é apresentada pelo Santo Philosopho, nenhum a define bem. De modo synthetico poder-se-á comprehendê-la como um desenvolvimento da inclinação, um movimento impetuoso da alma, exaltado pela imaginação, transformado em habito que a leva a um objecto ou delle a desvia, conforme vir nelle uma fonte de gozo ou de dôr. (Lahr).

Consideram-na muitos auctores como uma doença d'alma; nem sempre. E' uma força ás vezes util, outras vezes funesta. Quando se fundamenta num estado intellectual nobre, elevado, scintillante, está evidentemente no primeiro caso. Foi a paixão da liberdade que fez cahir dos labios de Danton palavras tocadas da mais bella eloquencia; foi ella sob outra fôrma a inspiradora dos cantos sublimes de Alighieri.

O talento, a virtude, a bravura, a eloquencia se aliecerçam muita vez em paixões conscienciosamente utilizados,

Em Dante a paixão de Beatrice, a do saber e a da virtude foram indiscutivelmente os seus mais vigorosos estimulos. Vejamos o que elle proprio exclama, dirigindo-se a Virgilio :

*«Vagliami il lungo studio e il grande amore,
Che m'ha fatto cercar lo tuo volume.»*

E adiante como remate, escreveu, — todo sentimento e enlevo:

«L'Amor che muove il sole e l'altre stelle.»

O nosso pranteado Bilac, referindo-se, em conferencia, ás heroínas Shakespereanas, houve por bem dizer: «são cincoenta, cem, que sei eu? são mais de cem figuras que encarnam e symbolisam todas as *paixões, todos os heroismos,* todas as versatilidades, todas as nobrezas, todas as perfidias da alma feminina.»

O brado de Stratford, descrevendo paixões, cantando o amor ardente e meigo de Julieta, o ingenuo e fragil de Ophelia e o admirativo e piedoso de Desdemona, não fez tão

somente com intelligencia, esta por si só não o levaria a tanto. O génio, nas letras, é o producto de duas forças harmonicamente fundidas: a ideação e o sentimento.

William Shakespeare, afóra uma maravilhosa cerebração, era portador de bem desenvolvida esphera affectiva.

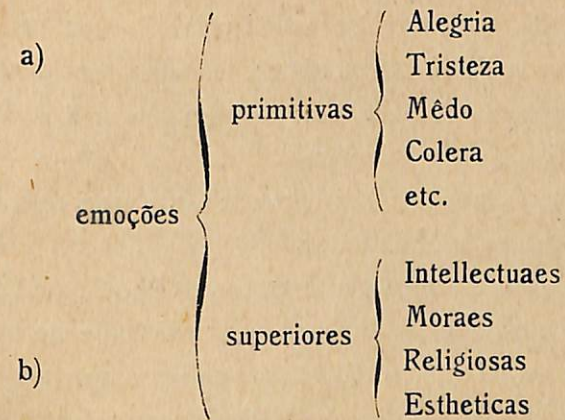
Foi um apaixonado do bello.

Classificação das emoções

Emoções ha de character depressivo, outras ao contrario, exaltantes; d'ahi a divisão em asthenicas as primeiras e esthenicas as segundas.

Convém, digamos, desde logo não ser escoimada de defeitos essa classificação, pois que as emoções esthenicas levadas ao auge podem deprimir e consequentemente tornar-se asthenicas. E assim é que uma grande alegria, muita vez, traz em consequencia, em logar de exaltação, o inverso. A explicação *desse facto a primeira vista paradoxal*, impõe-se scientificamente. É claro, pois, dest'arte e facil de comprehender-se o porque sendo exaltantes certas emoções, determinam quando exaggeradas phenomenos depressivos. Sabe-se por exemplo, que a alegria accelera o coração; mas se esta attingir grandes proporções, acontece que, este ultimo ao depois do choque do abalo, começa de contrair-se vagorosamente, e ao envez de agitação, experimenta-se verdadeiro abatimento.

Ribot e outros as classificam em duas grandes ordens: a) Primitivas ou animaes, B) superiores ou humanas.



As emoções primitivas são tambem denominadas animaes, pelo facto de serem communs ao homem e a mór parte dos animaes. As superiores são humanas, embora algumas tenham sido observadas entre certos animaes elevados. As primeiras mantêm estreitas relações com a conservação da especie; as segundas, indirectas. As emoções superiores, afigura-se-nos, não possuem esses caracteres tão particulares, especificos que lhes dão os avctores na quasi totalidade. Analysadas rigorosamente deixam a impressão de um complexo de emoções inferiores norteadas pela intelligencia, apuradas pela educação, estimuladas pela memoria affectiva. Senão vejamos: que é uma emoção religiosa? Em que se resume? Que alteração psycho-somatica a symbolisa?

Medo, admiração, enlevo, crença, tristeza, duvida, eis em que ella se resume. O medo, a tristeza, a alegria ao lado da parte intellectual determinam no emocionado uma repercussão objectiva em que as attitudes e os gestos oscillam de accordo com o que se está passando para o lado da ideação.

Se a idéa de medo envolve o indivíduo, o seu semblante cobre-se da pallidez característica, os olhos se dilatam, o coração augmenta as pulsações; ao contrario se é a alegria a predominar, o quadro pertence-a.

Em se tratando de individuos cultos, o freio da educação attenua sobremodo taes effectos.

Passando ás emoções estheticas o mesmo factó se regista. A vista de um fresco de Raphael, ou a audição de um nocturno de Chopin geram sensações que por sua vez despertam em nós o entusiasmo, e a admiração. Sentimentos estes ligados intimamente áesphera intellectiva, não ha nega-lo, e a memoria affectiva com a censura da educação.

Synthetizando: as emoções superiores são uma realidade; mas dependem das outras faculdades psychicas para que possam gosar fóros de existencia, e ainda mais não se objectivam especificamente, por isso que á sua constituição concorrem varias emoções inferiores.

Aos que, habituados a recebem tudo que vem de fonte classica sem a menor observação de sua parte, nos taxarem, pejorativamente de innovador lhes repetiremos o ensinamento de Boris; "*We must know psychic states or mental process from our own experiences.*"

CAPITULO SEGUNDO

Mechanismo das emoções

«Evidement quand l'esprit humain a parcouru les differents territoires de la science, il reste écrasé par cette pensée que ce qu'il sait n'est rien á coté de ce qu'il aspire á connaitre.»

GUILLEMINOT.

EM que pezem os copiosos trabalhos sobre o mecanismo íntimo das emoções, este ainda persiste velado pelas espessas brumas do IGNORAMUS. Contra o seu gosto embora, é bem confessa-lo, não o attingiram em cheio com os reverberos da intelligencia incansavel, insubmissa, os que se não conformam com a estacada em face do desconhecido. Confusa, a psychologia dos estados affectivos, maximé no tocante ás emoções, é eivada de falhas, phantasias amiudamente devisadas; é que a quasi ignorancia de tal assumpto não na pôde occultar a sciencia. E'-nos grato, todavia, dizermos com Anatole France, não ser sempre má a ignorancia; muitas vezes ella ao envês de merecer apédos se torna legitima credora dos nossos applausos. «Se soubessemos tudo não poderíamos supportar a vida uma hora só. Os sentimentos que a fazem dôce ou ao menos toleravel, nascem de uma mentira e se nutrem de illusões.» De idêntico pensar é o eloquente Maeter-

link ao lançar no final de uma de suas obras (*) esta sentença: «Em todo caso, eu não desejaria ao meu peor inimigo, ainda que o seu pensamento fosse mil vezes mais elevado e mais poderoso que o meu, o ser condemnado eternamente o habitar um mundo, de que elle tivesse surprehendido um segredo essencial, e do qual, sendo homem tivesse começado a comprehender alguma cousa (Maeterlink).

A explicação exacta do *modus faciendi* das emoções, effectivamente condiona, em derredor de assumptos de flagrante transcendencia, como seja o da existencia ou não de um principio immaterial, mercê do qual sentimos e actuamos, solução decisiva. Aqui bem se enquadra a duvida de Hamlet quotidianamente repetida até por profanos; «To be or not to be that is the question.»

Levantar o veu de todos os mysterios da Natureza, dizer o como e o porque de tudo, é querer enquadrar o infinito no finito, o macrocosmo no microcosmo; «un tel rêve n'est-il pas démesurément ambitieux?»

Intellectualistas e Physiologistas formam as duas facções em que se dividem os explicadores do mecanismo dos estados affectivos em apreço. Entre os ultimos, nos nossos dias, se vieram collocar Guillaume La Paz, Cannon e outros mais, segundo os quaes, as emoções são estados neuro-tonicos. Estes auctores embora physiologistas, crearam a theoria neuro-tonica, que será tratada em capitulo separado.

(*) La mort.

Theoria intellectualista

A theoria intellectualista que tem em Harbart, o seu mais fervoroso defensor, admite vir a emoção de um juizo sem a intervenção de modificações organicas, isto é, todo e qualquer sentimento «n'existe que par le rapport reciproque des presentations; résulte de la coexistence dans l'esprit d'idées qui se conviennent ou se combatent; il est la conscience immediate de l'elevation ou de la depression momentanée de l'activité psychique d'un état de tencion livre ou entravée; mais il n'est pas lui même; il ressemble aux accords musicaux et dissonance que different des sons élémentaires, quoiqu'ils n'existent que par eux. Supprimez tout état intellectuel, le sentiment, s'évanouit; il n'a qu'une vie emprunte celle d'un parasite».

Herbart diz que o sentimento se origina «quando uma representação fica na consciencia, mercê de um equilibrio entre as forças que a prendem e as que visam eleva-la». Consoante este modo de vêr, o antagonismo reciproco das idéas gera o o sentimento de dôr; a aproximação mutua, o sentimento de prazer; entre estes dois extremos as demais emoções se collocam. Wundt (*) faz sentir que esta assertiva não é applicavel senão ás fórmulas mais complexas do sentimento, pois que, em se tratando de sensação, não se pôde invocar a questão de reciprocidade de idéas.

Em synthese, a theoria intellectualista colloca os phenomenos physiologicos que acompanham as emoções em segundo plano: podem existir ou não; resultam dos multiplos movimentos

(*) Psychologie physiologique.

e modos de actuar das representações. Eis como se succedem os tempos numa dada emoção:

- 1° tempo—idéa, percepção.
- 2° » —emoção.
- 3° » —alterações somaticas.

Theoria physiologica

Ha diversas theorias em opposição á de Herbart, mas como todas ellas se fundamentam num unico principio, o da supremacia do elemento objectivo, e por isso muito se approximam, são catalogadas sob uma expressão synthetica: theoria physiologica. Veem-se-lhe á frente James, Lange, Sergi, Ribot, Maudsley, Bain e outros. Segundo estes, as emoções são a expressão directa e immediata da vida vegetativa, phenomenos tão physiologicos quanto os demais.

As mudanças corporaes que seguem immediatamente a percepção do facto excitante e o sentimento que se tem destas mudanças, á medida que ellas se produzem, eis a emoção, diz William James. (*)

O tempo subjectivo vem após ás alterações somaticas: estamos aterrorisados porque trememos choramos, alegres porque rimos. Se, após forte emoção, nos fosse dado abstrair da consciencia todos os symptomas corporaes dessa mesma emoção, verificaríamos que nada mais restaria della. (James) «É que a base das emoções está nos elementos motores. A emoção é a sensação

(*) Principles of Psychology.

secundaria, a sensação primaria consiste nas variações organicas, reflexos immediatos que se seguem á presença do objecto».

Supprimi a fadiga e a flacidez dos musculos, levee sangue a pelle e ao cerebro, ligeireza aos musculos, — que restará da tristeza? absolutamente nada. (Lange).

Sem a vaso-dilatação, sem o augmento de innervação voluntaria, sem agitação não poderá haver colera.

Nenhum phenomeno, accentua Lange, poderá ser scientificamente estudado em lhe faltando caracteres objectivos sobre a natureza, dos quaes os differentes observadores se entendem ou se podem entender. O estudo das côres não entrou no domnio da sciencia, senão no dia em que Newton descobriu um caracter objectivo — a differença de refrangibilidade dos raios coloridos; o mesmo, com as emoções que fugiram á analyse scientifica emquanto não lhes foi surprehendido o ponto de partida objectivo. A alma humana tambem tem a sua refrangibilidade e se decompõe, como a luz do sol, em sentimentos e emoções, que por sua vez tambem se dissociam nos seus elementos constitutivos, quando a observamos atravez esse aggregado de aparelhos e systemas anatomicos, que são o seu proprio substracto material e que constituem, em summa, o organismo humano. (Bittencourt Rodrigues).

Cada emoção se faz acompanhada de um cortejo de alterações objectivas. Na dôr ha diminuição da innervação voluntaria, vaso-constricção, diminuição das secreções, abatimento, etc. Na alegria, ao contrario, ha vaso dilatação, agitação hypercrinia, o semblante se arredonda, o coração pulsa com mais energia, etc. Todos estes phenomenos foram por Lange reduzidos a dois grupos:

- 1.º—modificações da innervação muscular (aumento ou diminuição.)
- 2.º—modificações vaso-motoras (constricção ou dilatação.)

As alterações musculares são secundarias, dependem das vaso-motoras. Dada uma idéa ou imagem, ella repercute diversamente sobre a centros vaso-motores; estes, estimulados, produzem constricção ou dilatação vascular; consequencia: affluxo ou diminuição de sangue nos diversos districtos do organismo e d'ahi as perturbações neuro-musculares e glandulares registadas, que por sua vez percebidas pela consciencia, geram o estado emotivo correspondente.

Em conclusão: o elemento objectivo antecede o subjectivo; é a parte capital do phenomeno emotivo, é a razão de ser deste, faltando, não poderá haver emoção, pois que esta nada é mais que a consciencia das alterações motoras condicionadas por uma representação.

Theoria neuro-tonica

O systema organo-vegetativo (Guillaume) tem sido ultimamente objecto de estudos acurados de Eppingers, Langley, Castellino, Pende, Laignel Lavastine, Guillaume e muitos outros; estudos que indiscutivelmente representam valiosas contribuições á biología normal e pathologica. Phenomenos physiologicos e morbidos, outrora inexplicados, graças a elles tão somente, são hoje perfeitamente interpretados. A emoção consoante Guillaume, Cannon, La Paz, Sloan, Redfield, Florowsky é uma neuro-tonia.

Os signaes que a acompanham, taes como a pallidez ou rubor dos tegumentos, secura da bocca ou salivação excessiva, alterações do pulso e da respiração, dilatação pupillar, erecção dos pellos, etc., são bem phenomenos hyper ou para-sympathico-tonicos. Cannon e La Paz retiraram sangue efferente das supra-renaes de um animal que apresentava manifestações de medo, e pelas provas pharmacologicas da adrenalina, verificaram a identidade da reacção provocada por esse sangue com a da substancia referida. (Guillaume). Isto ao lado da observação da hyper-secreção adrenalínica sob a influencia da excitação do sympathico, approximado do facto das reacções emotivas provocarem signaes de excitação deste ultimo, levaram Cannon a concluir que a acção caracteristica da adrenalina sobre a musculatura intestinal era devida, em taes experiencias, a secreção das glandulas para-renaes e que esta secreção é augmentada nas grandes emoções (Guillaume). Com estas e outras observações, Cannon chegou ás seguintes conclusões: «as impulsões caminham normalmente por via dos esplanchinicos nas condições naturaes de vida e quando os animaes são fortemente tocados pelos estados affectivos. Todas as probabilidades conduzem a pensar então que essas glandulas, em semelhante momento, são estimuladas de tal fórma que produzem uma extra-secreção.» O mecanismo geral das emoções violentas seria consequentemente o seguinte, diz Guillaume: «a causa affectiva determinaria no apparelho psycho-director um estado tal, que os centros psycho-directores, influindo sobre o sympathico provocariam uma hyper-secreção das glandulas pararenaes, esta secreção por sua vez, devido ás suas affinidades pelos apparelhos que dependem da

porção thoracolombar do systema organo-vegetativo, daria margem a um estado de hypertonia sympathica. Em synthese: «as grandes emoções são hyper-sympathicotonicas, as medias, hyper-parasympathicotonicas.»

CAPITULO TERCEIRO

Discussão das theorias

« Aduch sub iudice lis est » .

Sobre a theoria de Herbart

NÃO vemos um absurdo na theoria intellectualista, como ha por ahi muitos que affirmam, filiados ás idéas de Lange e James, meramente por desporto; incapazes de consagrar dois minutos sequer de sua existencia á reflexões exigentes de observações criteriosas, de raciocinio bem orientado, indefectíveis nos seus pareceres, julgam-se sabedores de tudo e por espirito de novidade pegam da penna e escrevem o que lhes vem á cabeça. D'ahi o grande numero de artigos e opusculos invectivando o velho Herbart de indouto ao tempo que entoam hymnos, aos seus adversarios. A theoria intellectualista tem muitas falhas e erros, é bem verdade, não esclarece definitivamente o problema, mas o mesmo se verifica com a theoria physiologica. Houve até auctores como Debricon, Gignoux e outros que tentaram concilia-las. O primeiro nos seus « Comptes rendus de psychologie normal, » diz: « James, Lange e Ribot consideram o elemento formal da emoção. Não perscrutam os sentidos primitivos de prazer e de dôr que se acham na origem da emoção. Ha prazeres e dôres ligadas á harmonia e á opposição das representações

e é em summa ás harmonias ou ás opposições deste genero que se podem attribuir não somente os phenomenos de natureza cerebral de que o Dr. Dumas suspeita com justiça a existencia na origem das emoções, mais ainda os factos affectivos de natureza peripherica aos quaes James reduz a sensibilidade quasi inteira. A harmonia e a opposição das representações, sendo ligadas ao accordo ou desaccordo dos movimentos cellulares, movimentos, sendo a expressão de uma mesma actividade, a representações, e theoria physiologica fica compativel com a theoria intellectualista ».

Gignoux observa, com razão: logo que nos elevamos acima das sensações affectivas puramente physicas, são os juizos os responsaveis pelas reacções organicas geradoras dos estados affectivos.

Herbart cahiu num erro que salta logo aos olhos de quantos o leiam; foi o de considerar a parte motora das emoções, eventual, coisa de somenos importancia. Na realidade, estas sempre trazem comsigo um abalo, ás vezes pequeno, por isso mesmo não se externa, outras vezes, embora grande, conseguimos por um educado poder de vontade, ou por imperiosas circumstancias do momento, encarcera-lo dentro de nós mesmos, e d'ahi a sua não objectivação em gestos, attitudes, ou em expressão physiologica.

Da theoria physiologica

Vejamos agora a theoria physiologica.

Pouco intensa, embora, uma emoção, qualquer que seja, envolve o individuo inteiro; a isto Bain chamou lei da diffusão. De feito, exteriormente evidencia-se por perturba-

ções visceraes, circulatorias e psychicas sobretudo. Mercê das demonstrações experimentaes de Tanzi, Mosso, Gley e outros, ficou verificado scientificamente, acompanhar-se a actividade do espirito de alterações circulatorias. A actividade emocional duma especie dada, produz um augmento de temperatura em todas as regiões; é ordinariamente, sempre mais forte que aquella que vem da actividade intellectual (Lombard). A estas mesmas conclusões chegou Mosso, após cuidadosos estudos. Conjuncto de elementos psychologicos e somaticos o phenomeno considerado, é na feliz expressão de Ribot um verdadeiro feixe psycho-physiologico. Para James e Lange a parte physiologica ou melhor, a somatica é a principal: «L'emotion n'est que la conscience de tous les phenomenes organiques (exterieurs et interieurs) que l'accompagnent et qui sont considérés generalement comme ses effects; en d'autres termes, ce que le sens commun considere comme les effects de l'emotion en est la cause; une emotion differe d'une autre emotion suivant la quantité et la qualité de ces etats organiques, suivant leur combinaisons diverses, n'étant que l'expression subjectives de ces divers modes de groupement.»

Pelo facto de se reconhecer a importancia do elemento somatico, pelo facto de se chegar a conclusão ser este indispensavel a producção do estado emocional, deve-se deduzir que a parte subjectiva é secundaria, que estamos tristes porque choramos? Não, isto é absurdo.

Porventura haverá quem affirme dogmaticamente serem as lagrimas pungentes, que a pena de Castello Branco poz nos olhos de Thereza, filhas de uma tão só alteração vaso-motora. Não; ellas gottejam do semblante crispado pela dôr, mas vêm

de dentro, das profundezas mysteriosas do Eu excruciado. A inditosa monja de Monchique é um eloquente symbolo esthetic do soffrimento moral, do desejo inexequível, da persistencia indomita. . . . «As petalas das flôres soltas quasi todas se desfizeram e Thereza, contemplando-as, disse: como a minha. . . e chorou, beijando os calices desfolhados das primeiras que recebêra.»

Lagrimas sentidas, não sois uma banal consequencia de um gesto, antes a propria alma que, attribulada, se consubstancia em perolas de dôr, guardadas nas orbitas miraculosamente transformadas em conchas preciosas.

Lange e James, com a sua theoria peripherica, a olhos vistos, tentaram banalizar um phenomeno biologico, sobremodo complexo. Sem que nos assista auctoridade, tão somente escudado com o raciocinio, levantamos daqui desassombradamente o nosso grito de protesto contra este conceito, olhos fitos no ensinamento proveitoso de Ruy Barbosa: «osae sempre o que meditadamente resolverdes.»

Com o ser importante e estygmatisadora até, a parte objectiva jamais poderá ser a causa e a subjectiva o effeito, assim no-lo falam a eloquencia dos factos e a supremacia da verdade.

Dizem os citados autores: «supprimi a fadiga e a flacidez dos musculos, levee sangue a pelle, ao cerebro, ligeireza aos musculos, que restará da tristeza? Absolutamente nada.»

Este asserto á primeira vista decisivo, na realidade não deixa absolutamente demonstrada a supremacia do elemento somatico, nem tão pouco ser este o ponto de partida do elemento psychologico. A fadiga, a pallidez, a flacidez dos mus-

culos, a bradycardia são partes de um todo que tem no nosso Eu a outra parte, completam-se as metades na architectação da personalidade emotiva.

Noutras palavras: a emoção typica caracteriza-se por phenomenos subjectivos e objectivos; consequentemente, isto de se affirmar que a suppressão destes dá margem ao desaparecimento daquelles, parece-nos uma dessas muitas ficções scientificas que só adquirem fóros de dogma pela excentricidade.

O proprio Ribot discorda de Lange James no tocante a esse dualismo; são suas estas palavras: «Selon moi il y aurait un grande avantage a éliminer de la question toute notion de cause et effet, tout rapport de causalité et a substituer a conception dualist une conception unitaire ou monistique. . . . Chaque espèce d'émotion doit être étudiée de cette manière: ce que les mouvements de face et du corps, les troubles vaso-moteur, respiratoires, seretoires expriment subjectivement, les états de conscience correlatifs que l'observation interieur classe suivant leurs qualités l'expriment sujetivement: c'est un seul et même événement traduit en deux langues. (*)»—Se para haver emoção typica faz-se mistér o concurso dos dois elementos referidos, se ao nosso vêr e de muitos, a omissão do elemento subjectivo não determina o immediato desaparecimento, é-nos grato dizer que muitas vezes até contrariamente ao que elles affirmam uma emoção, póde gerar-se no nosso espirito e deixar-se ficar sem se exprimir objectivamente. Chamamo-la atypica ou incompleta. Quantas vezes, embora tocados de causticante pezar, por conveniencias sociaes, simulamos physionomicamente, senão

(*) La Psychologie des sentiments.

um estado antagonico, ao menos impassibilidade! Deixará por isso de existir a emoção? não; o aspecto está em parte sob o dominio da vontade, é susceptivel de alterações e até de suppressão, é simples, é perfeitamente simulavel; o subjectivo é transcendente, offerece resistencias titanicas a vontade, não se apaga com a simples substituição de attitudes. Os multiplos casos de paramimia ahi estão a prova-lo; são encontradiços amiude nas letras. De quantos se dêem ao manuseio de paginas literarias, é conhecido o soneto abaixo transcripto, do inspirado Rev. Padre Antonio Thomaz, exemplo opportuno da discordia entre o sentir e o actuar:

Palhaço

Hontem, viu-se-lhe em casa a esposa morta
E a filhinha mais nova tão doente!
Hoje o empresario vae bater-lhe á porta,
Que a platéa o reclama impaciente.

Ao palco em breve surge Pouco importa
O seu pesar áquella estranha gente,
E ao som das ovações que os ares corta
Trejeita e canta e ri nervosamente.

Aos applausos da turba elle trabalha
Para esconder no manto em que se embuça
A cruciante angústia que o retalha.

No entanto a dôr cruel mais se lhe aguça,
E emquanto o labio tremulo gargalha
Dentro do peito o coração soluça.

Igualmente vem a proposito o trecho de uma tocante novella da auctoria de um jovem medico sergipano, Ranulpho Prata, que estreiou nas letras com um livro - digno das gloriosas tradições da terra de Tobias Barrêto.

"Chamei a mim todas as energias e consegui esconder dos olhos perspicazes de Candida, durante toda a tarde, a minha agitação. Eu sempre tive um grande poder de dissimulação, *O que me vae no intimo não transparece no exterior, quando assim quero.* Nem vislumbre. Turbilhona-se-me a alma em tumultos de febre e na face uma fibra de musculo não se contrahe, o olhar não arde, as feições não mudam. Fica no rosto, immutavel, a mesma serenidade, a mesma harmonia de traços.

Trancava assim tão no intimo a minha emoção dolorosa, conservei-me o resto da tarde ao lado de Candida, que estava, por inexplicavel coincidencia, de um jovialismo encantador". (*)

Que falle agora o festejado Eça pelas paginas da "Reliquia" onde o impagavel sobrinho de D. Patrocinio das Neves, em presença desta senhora exaggeradamente catholica, para captar-lhe confiança e se constituir seu unico herdeiro, todo piedade e contricção, simulava sentimentos que lhe não residiam n'alma; "Quando cheguei a casa, senti que a titia estava no oratorio, sosinha, a rezar. Enfiei para o meu quarto, sorrateiramente; descalcei-me; despi a casaca; esguedelhei o cabello; atirei-me de joelhos para o assoalho e foi assim, de rastos

(*) Dentro da vida

pelo corredor, gemendo, esmurrando o peito, clamando desoladamente por Jesus, meu Senhor"

Em Ibsen, Shakespeare, Molière, Bourget, Tourgueneff, Thakeray e outros interpretes dos sentimentos, factos semelhantes se registam.

Tratando dos «*simuladores mesologicos*» diz José Igenieros: «Para no ser vencido en la lucha por la vida, los individuos pueden simular y disimular los sentimientos de amor y de odio, de respeto y repugnancia, de cortesia y de indignacion y disimulacion de los sentimientos.» De feito em taes individuos o que lhes vae no intimo contrasta com a physionomia; a mimica prompta para a simulação, não é um espelho da alma, antes um espesso veu atirado sobre ella. «Cuando alguien le narra una desgracia para pedir-le consejo, el simulador astuto, humeando para más tarde un beneficio, se commueve, pallidece, llora hace llorar al narrador mismo: este se admira de que aun exista sobre la tierra un hombre de tan virtuoso corason, y cal facilmente en las redes que luego aquél le tiende.»

As attitudes, os gestos, os movimentos, manda a verdade confessa-lo, se muita vez, levam o individuo a uma correspondente emoção, esta nunca será tão bem definida quanto a que surge do nosso intimo. Ella edifica-se na imitação, faculdade innata no homem, a ponto de Max Nordau dizer que a originalidade não é outra cousa que a primeira representação da vulgaridade. O psychismo no seu aspecto sentimento, não póde fugir a inexorabilidade deste facto social. E' justo, é natural que imitar com movimentos um dado sentimento, persistentemente, poderá dar margem a sua producção.

Firmado nisso, Ignacio de Loyola psychologo pratico, para fazer com que as almas attingissem o extase religioso lhes recomendava os actos externos da fé. Do mesmo modo se comportava Confucio com o ceremonial chinez.

Certo, nenhum homem, por maior que seja a sua incredulidade, jamais ficará mergulhado nas tibiezas do indifferentismo ao ultrapassar os humbraes de um templo catholico: imagens de olhos piedosos, de resplendores de ouro, donde a luz pallida das velas arranca mysticos reflexos, quadros biblicos, Christo crucificado — synthese de dôr e do perdão, sacerdote paramentado a murmurar exorcismos no idioma de Cicero, acolytos de capa e thuribulo, *harmonium* a encher o recinto de sons gementes, tudo falla profundamente ao sentimento; o atheu em tal collisão, olhos muito abertos, brilhantes, coração a pulsar apressadamente, respiração offegante, frio, a tremer — todo duvida e admiração, espiritualmente se vê transportado á Deus, na harmonia dos canticos e nos volutas olorosas do incenso.

Em Romanes, diz Tarde, «ha um capitulo interessantissimo consagrado á influencia da imitação sobre a formação e o desenvolvimento dos instinctos. Esta influencia é maior e está mais espalhada do que se suppõe. Não só os individuos da mesma especie, parentes, ou até não parentes se imitam — muitas aves canoras precisam que as suas mães ou seus camaradas lhes ensinem a cantar, mais ainda, individuos de especie differente se apoderam das suas particularidades uteis ou insignificantes. Revela-se nisso a necessidade profunda de imitar por imitar, fonte primeira das nossas artes.» (*)

(*) *Evolution mentale chez les animaux.* (Romanes.)

A imitação é um verdadeiro contagio que tem o seu principio no exemplo, como a variola tem o seu contagio no virus que a transmite; e do mesmo modo que existem na nossa organização doenças que só esperam para se desenvolver a mais ligeira causa, assim tambem ha em nós paixões silenciosas promptas a despertarem unicamente por effeito da imitação. (Jolly). (*)

Influenciados os neuronios cerebraes por uma dada imagem, movimentam as fibras nervosas que tendem a realizar essa imagem, de modo que a vista de um acto ou de um movimento cria naturalmente, em quem o presenciar, uma tendencia mais ou menos pronunciada a reproduzil-os; mais ainda porque essa imagem já é, por natureza, um começo desse acto, um esboço desse movimento. (Lahr). O conhecimento da poderosa influencia, exercida pela imitação sobre a vida affectiva, não desconhecia Seneca ao doutrinar: « *Longum iter praecepta; breve et efficax per exempla.* »

Por si mesmo, o preceito é frio e abstracto, ao passo que o exemplo é concreto, sympathico, emotivo (Lahr).

*Segnius irritant animos demissa per aurem
Quam quae sunt oculis subjecta fidelibus.*

(Ars Politica.)

Outro augmento dos Langes e William James que merece destruido é o baseado no facto de estados emocionaes se poderem gerar independentes de qualquer percepção ou idéa, como sejam

(*) De l'imitation (Union medicale), T. VIII pag. 369.

os determinados pelo alcool, haschisch e outros toxicos. Em taes casos, os estados emocionaes manifestados com o serem atypicos se edificam numa alteração profunda do equilibrio dos centro psycho-directores, que, uma vez intoxicados, os seus neuronios, actuam desordenadamente. Dá-se por assim dizer obnublação da consciencia e d'ahi, risos, lagrimas, gritos immotivados. Observações deste jaez valem por uma certeza da interferencia do cerebro no mechanismo dos phenomenos affectivos. Um individuo muito embriagado, ordinariamente não se emociona. Porque? A resposta salta aos olhos de quantos encarem o problema sem apaixonamento por escolas, mas tão somente sequiosos da verdade. No intoxicado pelo alcool o cerebro estando impedido de bem exercer as suas nobres funcções, a emotividade por isso mesmo acha-se prejudicada. « Motor significa o que move, o que excita acção. Emotivo o que move ou excita os sentimentos, o que põe os sentimentos em actividade. O lado emotivo da mente sempre está relacionado com o sentimento e o motor com a relação. Os melhores resultados sempre nascem de uma combinação do sentimento e da volição, do de-sejar e do actuar » (Atkinson). (*)

Se a emoção é a consciencia de perturbações corporaes, provocadas por uma dada percepção, como explicar que os mesmos reflexos possam dar margem a estados emotivos contrarios? Porque ha lagrimas, tanto na alegria como na tristeza?

Rubor na colera, como na vergonha?

Sergí, biologo italiano, admittindo o conceito physiologico das emoções, aventa outra hypothese sobre o como se compor-

(*) La Fuerza de la inteligencia

tam no organismo as representações ou percepções capazes de gera-las. Segundo o citado auctor, possuímos um centro para a dôr e para o prazer «commun aux sentiments provoqués par les organes et les tissus et a ceux qui proviennent de perceptions ou idées.» Falla egualmente em organismos psychicos, em centros emotivos primitivos, secundarios, em condições especiaes, etc. Embora acatemos o nome de Sergi, manda a verdade dizermos, ser a sua explicação, ou antes a sua hypothese comparavel a um cipoal, onde o espirito indagador, amiude se depara na contingencia penosa de recuar para não se ver privado dos movimentos.

Breves considerações sobre a theoria neuro-tonica

A theoria neuro-tonica, se de facto é a que parece mais se approximar da verdade, nem por isso está ao abrigo da critica.

Assevera Cannon:» as grandes emoções são hyper-sympathicotonicas, as medias hyper-parasympathicotonicas.» Isto quer dizer que as emoções violentas trazem comsigo reacções ligadas a uma hyper-excitação do sympathico, as de menor vulto, reacções proprias da secção para-sympathica. A vingar tal conceito, o terror, a colera, a dôr moral e até a alegria no auge, deveriam se fazer acompanhar das mesmas alterações visceraes, da mesma objectivação, em summa: o homem aterrisado, o colerico, o soffredor, o alegre, deveriam ter a mesma expressão physionomica, as mesmas attitudes, os mesmos gestos e até o mesmo abalo moral. Ora, não é isso o que se observa. O terror e o soffrimento empallidecem, abatem o animo;

a colera e a alegria, excitam, trazem sangue ao rosto; no terror, ha tachycardia, dyspnéa, diminuição da innervação voluntaria, relaxamento dos esphinctéres; no soffrimento, se ha diminuição da innervação voluntaria, não ha tachycardia, ao contrario, enfraquecimento e diminuição dos batimentos cardiacos; a colera enrubescce, augmenta a innervação muscular voluntaria como a alegria, mas a sua repercussão mental e externação são diversas da que esta apresenta.

Afóra isso se ha grandes emoções cujas reacções somaticas são explicaveis por uma excitação do sympathico, pela adrenalina, outras ha como a colera, nas quaes tal phenomeno não póde totalmente ser invocado.

Ao sympathico compete a vaso contricção da pelle da cabeça; consequentemente todas as vezes que elle fôr excitado fortemente dever-se-á produzir pallidez da face; na colera, catalogada entre os estudos hyper-sympathicotonicos, o que se verifica é justamente o inverso, isto é, vaso dilatação, e dahi o rubor caracteristico.

O sympathico é o constrictor dos esphinctéres da bexiga e do anus, o para sympathico o dilatador: no medo (hyper-sympathicotonia) ha muita vez, relaxamento delles.

O vago é o moderador do coração, o sympathico o excitador, na tristeza profunda, ha ao envez de acceleração do musculo nobre, bracycardia.

Dizem Cannon e Guillaume que a hyper-excitação do sympathico se dá mercê da interferencia da adrenalina e deste modo explicam o mecanismo das grandes emoções; quanto ás pequenas, elles se limitam a dizer que são devidas ao para-

sympathico. Como? Haverá porventura tambem algum outro hormonio intermediario, de acção parasymphaticotonica?

Em conclusão, se a theoria neuro-tonica é a que mais racionalmente procura esclarecer o "*modus faciendi*," dos phenomenos emotivos, nem por isso se lhe póde dar o titulo, pelo menos no momento, de solucionadora.

Substracto physiologico das emoções

O substracto physiologico dos estados emocionaes envolvem as alterações organicas que as acompanham e as funcções motoras que os externam.

O papel importante das diversas visceras no concurso das emoções, é factó sobejamente conhecido. Os antigos comquanto concebesssem tal evidencia, exaggeradamente as localizavam neste ou naquelle orgão. Platão collocava a coragem no peito e os appetites no ventre. Outros attribuiam a colera ao figado, a alegria ao baço, etc. Ainda nos dias que correm, a tendencia popular é fazer do coração a séde da vida affectiva. A verdade é que nesse orgão é que repercutem primeiramente todos os sentimentos; elle é o centro da vida organica. O coração que palpita, diz Ribot, não é somente uma formula poetica, mas uma realidade physiologica: os batimentos são raros e sem intensidade. Coração quebrado pela dôr, corresponde a phenomenos reaes. Diz Cl. Bernard numa bella página sobre o coração: «Quando uma mulher é subitamente presa de uma dôce emoção as meigas e ternas palavras que ciciaram aos ouvidos, não fizeram mais do que atravessar-lhe o espirito, como o clarão de um relampago e sem nelle sequer pousarem. O coração, sim que foi

directamente attingido, antes mesmo de qualquer raciocinio ou reflexão. O sentimento só começa a revelar-se depois que nelle determinou uma ligeira pausa, imperceptivel para todo o mundo, mas, não para o physiologista. O coração aguilhoado pela impressão nervosa, reage por meio de palpitações que o fazem estremecer e pulsa mais fortemente ao tempo que envia uma maior quantidade de sangue ao cerebro, donde resulta o rubôr da face e uma expressão particular da physionomia, quel corresponde ao sentimento do bem estar experimentado. Asseverar-se portanto, que o amor faz palpar o coração, não é somente uma fórmula poetica é tambem uma verdade physiologica.»

Uma impressão repentina póde muita vez para-lo; quando se diz que está quente, traduz-se scientemente serem os seus abatimentos rapidos fortes, provocando por isso mesmo maior quantidade de calor.

As emoções esthenicas actuam sobre o coração por intermedio do sympathico seu nervo accelerador; as asthenicas, mercê do vago seu nervo moderador.

A respiração igualmente soffre perturbações que ora a exaggeram, ora a inibem. As secreções são abundantes em algumas emoções escassas ou até mesmo nullas em outras. As alterações do aparelho digestivo são sobremodo conhecidas. Ninguem por certo ignorará que o medo póde produzir colicas intestinaes e relaxamento do esphyncter anal.

Paga-lhe igual tributo a musculatura vesical. Os vasos sanguineos, ora se dilatam como na colera, ora se contraem como no medo. As differentes expressões physionomicas, os

movimentos dos membros, do tronco, as modificações do timbre da voz, constituem os caracteres exteriores das emoções.

Nos sentimentos depressivos os movimentos são concêntricos, como se acaso a acção muscular se resumisse exclusivamente nos flexores. O homem triste anda como que dobrado sobre si mesmo, lentamente, braços e pernas em flexão. Ao contrario, na alegria e na colera ha flagrante supremacia dos extensores e por isso mesmo os movimentos são excentricos.

O gesto expansivo e largo, em que entram os extensores, é o gesto do heroismo, da alegria e da coragem; é o gesto da dádiva e do perdão; emquanto que o gesto de contracção e retrahimento, em que só predominam os flexôres, é o gesto da tristeza da dôr e do mêdo; é o gesto de quem implora e supplica quando não é o gesto da avareza e da rapina. (Bittencourt Rodrigues.)

Uma excepção ha todavia capaz de destruir essa doutrina tão exclusivista, é o abraço, «tanto mais deleitoso e melhor, quanto mais apertado e centripeto,» No particular da physionomia é notorio que da predominancia desse ou daquelle musculo do rosto, se externam os nossos sentimentos.

O frontal é o musculo da attenção, o orbicular dos labios, da reflexão, o pyramidal, da ameaça, o triangular dos labios, do desden, o grande sigomatico, do riso, etc.

Juntamos aqui alguns desenhos interessantes nos quaes se verifica, pela simples mudança de direcção dos traços, a representação de alguns estados emocionaes:

Nota—Deixam de figurar nesta pagina mais dois « clichés », como era de nosso desejo, em virtude das photographias correspondentes terem sahido muito mal retocadas.



Fig. 1

Na alegria (fig. 1.^a), particularmente no riso, os olhos diminuem, o nariz franze-se, os cantos das palpebras, as linhas transversaes da fronte tendem a levantar-se, as commissuras labiaes erguem-se.

Na tristeza (fig. 2.^a) as commissuras labiaes tendem ao abaixamento, os supercilios elevam-se no angulo interno; o nariz afila-se por assim dizer.



Fig. 2



Fig. 4

No mêdo (fig. 4.^a) os olhos se exorbitam, as pupillas se dilatam, as commissuras labiaes ficam um tanto repuxadas para baixo, a fronte se enrug.

Na colera (fig. 5.^a) ha dilataçãõ das narinas, a extremidade interna das sobrancehas é repuxada um pouco para baixo, as commissuras labiaes tambem o são, todo o semblante crispa-se.



Fig. 5

Parte Especial

Os cerebros verdadeiramente originaes se distinguem, não em ser os primeiros que vêm o novo, senão em vêr as cousas velhas e conhecidas, olhadas e repisadas por todo o mundo o que descobre as coisas, é geralmente esse ser vulgar e sem cerebro chamado casualidade.

NIETZCH

Não nos propuzemos ao estudo particularisado e prolixo de cada uma das emoções, todavia houvemos por bem syntheticamente encarar as principaes: a dôr moral, a alegria, o mêdo a colera e as emoções superiores.

William Shakespeare numa de suas obras primas, disse que *a brevidade é a alma do discurso, a prolixidade o corpo*. Se assim é, a segunda parte do nosso trabalho é toda alma, pois que a brevidade bem o symbolisa.

CAPITULO QUARTO

Mêdo

“Melhor é experimental-o que o julgar.”

ANTECIPAÇÃO de uma dôr consoante a justa assertiva de Hiram Santey, o mêdo é um dos resistentes baluartes da conservação do individuo e da especie.

«*Primus in orbe Deus fecit timor*» no-lo dizem os antigos. Nenhum animal, da amiba ao homem, do mais simples ao mais complexo se poderá eximir de lhe pagar tributo. É covarde, apregoava o Marechal Ney, aquelle que se ufana de nunca ter tido mêdo. Conta-se de Turene que, sempre antes de entrar em combate, sentia-lhe as pernas tremerem de tal modo que, affagando-as, lhes fallava: tremam, tremam desgraçadas pernas, que vocês soubessem para onde as levo ainda mais haviam de tremer. Bonaparte, segundo refere um de seus chronistas, no 18 brumario foi visto pelos seus tenentes, a tremer pallido de mêdo, elle a eloquente symbolisação da bravura, a encarnação maxima do dencdo, o attestado vivo da firmeza de vontade. O almirante luzitano Vasco da Gama, o arrojado mareante, a quem jamais o afuzilar dos relampagos nas noites de borrasca, o ribombar cavo do trovão, o fragor das ondas encapelladas de encontro a fragil caravella, o gemer das vagas açoitadas pela impetuosidade do furacão tolheram de proseguir seus arriscadissimos enprehen-

dimentos, teve também momentos de temor; vejamos o que no particular diz o excelso esculptor dos Luziadas:

«Vendo Vasco da Gama que tão perto
Do fim do seu desejo se perdia;
Vendo ora o mar até ao inferno aberto
Ora com nova furia ao ceu subia;

Confuso *de temor*, da vida incerto
Onde nenhum remedio lhe valia,
Chama aquelle remedio santo e forte,
Que o impossivel pôde, d'esta sorte.»

Exemplo sobremodo significativo temos em Christo! Nem o proprio Rabbi da Gallilea, o doce e meigo Jesus lhe pôde escapar.

Labios em extase, mãos supplices, olhos piedosos, o Homem-Deus ao receber das mãos do anjo o calice, logo após libar um pouco o liquido revelador dos soffrimentos porque ia passar, lançou ao Senhor a mais commovente das imprecações: «*oh meu pae, affastae de mim este calice.*» É que até o Salvador do mundo também teve medo.

A muitos parecerá covardia a feitura de elogios ao medo; todavia a meditação, certo lhes arrancará tal idéa, fazendo-as comprehender que o mal é tão necessario a vida quanto o é o bem; um não poderia adquirir fóros de existencia se o outro faltasse; são partes de um todo, completam-se para definir a existencia. Que seria a coragem se não houvesse o medo? A piedade sem a dôr? Aqui se enquadram as palavras do creador de Thais: "quando se diz que a vida é boa ou que é má

commette-se uma falta. É preciso affirmar-se que é boa e má ao mesmo tempo. A verdade é que a vida é deliciosa, horrivel, encantadora, espantosa, doce, amarga; a vida é tudo. O mal é necessario. É a unica razão de ser do bem. Pôde conceber-se a virtude sem o vicio, o amor sem o odio, a belleza sem a fealdade?"

Bemdito o medo que, faz que o medico no amplo desempenho de seu melindroso mysterio, seja cauteloso, ponderado, saiba avaliar as responsabilidades que pesam sobre os seus hombros, e dest' arte se torne digno das estrophes de Eugene Manuel:

Et dans l'oeuvre de Dieu, que l'homme colonnie,
Ceux-la sont les plus grands que font par leur genie
Reculer la Mort devant eux!

Pasteur confessa não terem sido poucos os momentos de afflicção por elle experimentados logo após ter injectado pela primeira vez *in anima nobili* o sôro contra a raiva, uma de suas geniaes conquistas.

Gamma.—O medo é susceptivel de uma gradação; são seus extremos o temor e o terror.

Medo	}	Temor—1.º
		Espanto—2.º
		Pavor—3.º
		Terror—4.º

O temor "é o estado de animo que faz ou obriga o individuo a pensar ou fugir dos riscos ou perigos e cousas que causem damno."

No espanto ha mêdo, assombro, consternação, inquietude, alteração dos sentidos por coisas imprevistas. (Austregesilo). O pavor caracteriza-se sobretudo pelo sobresalto «*la frayer de la mort ébran le plus ferme.*»

Tolstoi, na Sonata de Kreutzer pinta-o na pessoa de Troukhatchevsky e de Luiza ao verem Pozdnychev, — todo ciume e colera, investir para elles: "Mas recorde-me bem da expressão das suas physionomias, quando me viram.

Que dolorosa impressão de prazer, não foi a minha, ao lêr-lhe, no olhar, o terror, que me provocava o seu crime:

Nunca esquecerei o desespero, o *pavôr* que lhes alterou as feições.

Elle, estava sentado á meza e ao ver-me deu um salto para o lado do aparador.

«Tudo no seu rosto revelava mêdo.»

O terror é a nota mais aguda; é o mêdo na sua maxima exaltação, é o «modo violento que estatela ou conturba o animo».

Symbolisam-no a invasão de Atila, a matança de São Barthelemy, a perseguição dos christãos, a revolução de 1793 em que a intelligencia e a selvageria, o heroismo e o crime, a loucura e a ferocidade num ajuntamento macabro, deshonraram, pilharam, banharam-se de sangue humano, destruíram a realiza, quebraram os grilhões da escravidão, arrazaram prisões, mataram, tudo em nome da liberdade; epocha de vingança e felonía em que a populaça desenfreada espalhando o terror, desceu vertiginosamente ao ultimo grau da brutalidade em nome de tão justo, tão bello e nobre Ideal.

Contagio e censequencias de mêdo

Imitar é uma das mais fortes tendencias do homem. Lancemos um olhar perscrutador em derredor de nós, e de logo concluiremos ser o mundo social um amontoado de similitudes; similitudes produzidas pela imitação sob todas as fórmãs: imitação, moda, ^ohabito, obediencia, educação, e reflexa ou espontanea (G Tarde).

Imitação reflexa, o contagio do mêdo é factó quotidianamente observado, não só entre os homens, mas sobretudo, entre os animaes.

«Que falle Euclides da Cunha pelas paginas terças do seu «Sertões,» no passo em que se refere a fuga dos oitocentos homens sob o commando do Coronel Tamarindo: «E foi uma debandada.

Oitocentos homens desappareciam em fuga, abandonando as espingardas; arriando as padiolas em que se estorciam feridos; jogando fóra as peças de equipamento; desarmando-se desapertando os cinturões, para a carreira desafogada; e correndo, correndo ao acaso, correndo em grupos, em bandos errados, correndo pelas estradas e pelas trilhas que a recortam, correndo para o recesso da caatingas, tontos, apavorados, sem chefes. . . »

Bello e eloquente exemplo do contagio do mêdo entre os homens! Bastaram duzentos ou trezentos medrosos, de indole, dentre os oitocentos soldados, para que os demais, privados de um freio poderoso, fossem tocados do mal.

Uma idéa lançada em meio de uma multidão, póde muito bem alastrar-se de modo a domina-la completamente.

No tocante aos animaes, os attestados são encontrados amiude. Na Vida Roceira de Leoncio de Oliveira, ha um bello trecho que bem se ajusta aqui:

«Tangida vinha a boiada, caminho de S. Paulo.

Caminham tardos e pesados os pachydermes, como pensamentos em cerebros de cretinos, uns ruminam

E a boiada segue pesada e vagarosa

Partem de subito rumores da mata que beira a estrada; uma piúca que tomba impellida pela aragem.

Uma rapida estacada . . . e passa pelo rebanho um fremito de pavor. Prevêm os boiadeiros a imminencia do perigo e arrojam-se a galopar, a sustar a boiada que estoura. Vibração soturna abala o sólo; entrechocar de chifres e emmaranhar de corpos, e em turbilhão de pó que se levanta, o rebanho APAVORADO, em doido galopar esparrama-se pelos brejaes, pelas macegas e pela mata que estremece ao arranco formidavel. . . .»

Sem visarmos um estudo detalhado das consequencias do mêdo, por isso que se fizessemos acharíamos abraços com um extenso e intricado capitulo da pathologia, particularmente, da psychiatria, passaremos em revista alguns exemplos frisantes de casos morbidos, cuja etiogenia é o estado affectivo em apreço.

«De toutes les emotions la peur est bien celle qui provoque le plus fréquemment des phénomènes ou des états morbides particuliers qui sont souvent longs a guérir ou tout á fait incurables. (LANGE—Emotions).»

Chomel falla de certo medico que ao depois de fazer uma autopsia no cadaver dum raivoso, sentiu-se tocado do mesmo mal, simplesmente por mêdo.

Diz-se de Thomas Moor, que encaneceu na noite que precedeu o dia de sua execução; O mesmo deu-se com Maria Antonietta e com o explorador Ivens quando se viu perdido em pleno sertão africano. Nobl em um numero da Semaine Medicale refere o caso de um motorneiro que, não tendo podido evitar o encontro do carro em que ia, com um outro, não só perdeu a falla por alguns momentos mais ainda no fim de alguns dias perdeu todos os pellos do corpo.

Alexandre Herculano, o imaginoso artista da palavra escripta, o purificador do bellissimo idioma de Camões, certa vez sendo obrigado a fallar deante de selecto auditorio, ao encara-lo teve uma syncope, receioso de insuccesso na tribuna.

Casos até de morte se registam.

O mêdo póde muita vez, paradoxalmente ser o responsavel por um acto de bravura. É assim é que as letras contêm multivarios exemplos de reconhecidos poltrões, dum momento para o outro tornarem-se heróes. Na *Corja*. o Padre Justino Pedernelos, em presença de um lobo que o ameaçava, tomado de terror com os uivos do monstro, criou animo, bebeu uns tragos de aguardente, sentiu-se capaz de affrontar o rebelde e varou a fera com um tiro de clavinote. (A. Austregesilo).

O receio, a timidez, o pavor diminuem, a olhos vistos, as defesas organicas; durante as epidemias, é factó observado serem os medrosos os mais sacrificados. Iriamos longe, se quizessemos insistir sobre tão longo quão complicado assumpto, isto porém, daria margem a uma justa reproche da parte dos nossos julgadores, pois assim não estariamos mais dentro dos limites que traçamos para o nosso trabalho.

A dôr

« L'homme est un apprenti: la douleur est son maître.

E nul de se connaît tant qu'il n'a pas souffert ».

MUSSET.

NENHUM homem, qualquer que seja a esphera em que habite, se poderá libertar da dôr; do berço á tumba, como se fôra a nossa propria sombra vemo-la ao nosso lado; nasce com as nossas primeiras lagrimas e se extingue, quem poderá affirmar-o? com o nosso derradeiro alento. A vida é uma verêda orvalhada de prantos; *«la vida no es más que una cadeffa de dolores... padecer es la ley universal de la natureza humana.»*

A dôr cobre toda a terra como se fôra um gigantesco passaro que com as azas abertas apagasse o sol. (F. Sampaio;) invade a cabana do esquimó e a choupana do humilde com a mesma impetuosidade que pisa a escadaria do sumptuoso palacio de um açambarcador de ouro; nivela-os, fazlhes chegar ás oiças o *leben ist leiden*, viver é soffrer. O catre e os farrapos de mendigo merecem-lhe tanto quanto a alcova confortavel do millionario, onde brocados com lavôres de sêda e velludo pendem graciosamente de lambrequins custosos.

Voltaire com um espirito tão lucido não poderia affirmar outra cousa: «a felicidade não passa de um sonho, só a dôr é

real; ha oitenta annos que o experimento. Não sei fazer outra cousa sinão resignar-me e dizer a mim que as moscas nasceram para ser comidas pelas aranhas e os homens para serem comidos pelos pezares.»

De facto, os prazeres são ephemeros, mal nos empolgam, de logo nos abandonam. O prazer vem sempre de mãos dadas com a magua; o seu osculo, pareça um absurdo embora, lembra o que judas depositou na face candida e beatifica do Nazareno. O beijo do prazer é de traição; mal lhe experimentamos a doçura, nos manda á bocca o fel de realidade. Até o amor quando nos falla ao coração, faz-se acompanhar de agruras. E' o que diz Leopardi em tão inspirados versos:

«Tratelli, a un tempo stesso. Amore e Morte
Igenneró la Sorte;
Quando novellamente
Nasce nel cor profondo
Um amoroso affetto,
Languido e stanco insiem con esse in petto
Un desiderio de morir se sente...»

Tambem ao nosso Muniz de Barrêto não passou despercebida tal verdade, oiçamol-o:

Ver... e do que se vê logo abrazado
Sentir o coração de um fogo ardente;
De prazer um suspiro de repente
Exhalar, e após elle um ai magoado;
Aquillo que não foi ainda logrado,
—Nem o será talvez, lograr na mente;

Do rosto a côr mudar continuamente,
Ser feliz e ser logo desgraçado...»

A vida diz Schopenhauer «não se apresenta como um mimo que nos é dado gozar, mas antes como um dever, uma tarefa que tem de se cumprir á força de trabalho; d'ahi resulta tanto nos grandes como nos pequenos, cousas uma miseria geral, um trabalho sem descanso, uma concorrência sem treguas, um combate sem fim, uma actividade imposta com uma tensão extrema de todas as forças do corpo e do espirito.» A verdade é que se a vida não é toda feita de dôres, ao menos a sua mor parte o é.

Não são poucos os trabalhos destinados a destruir a obra de Schopenhauer; todavia ella persiste firme. O auctor de «*Dores do Mundo*» «foi um apostolo, como todo apostolo, exaggerou», mas inegavelmente, as suas observações, a sua doutrina, o seu credo philosophico assentam sobre alicerces os mais solidos possiveis, de modo a desafiarem quantos Pangloss appareçam.

A dôr ensina, esclarece a intelligencia, desenvolve as energias, fortifica a vontade, estimula os sentimentos outros.

A sublimidade do christianismo augmentou, diz Austregesilo, com a angustia de uma triste mãe:

«*O vos omnes qui transitis per viam, attendite et videte, si est dolor sicut dolor meus!*»

Daute, Cervantes, Byron, Camões, Homero e outros foram grandes pela dôr; ella os inspirou, ampliou-lhes os horizontes intellectuaes, lhes deu azas, os conduziu á alturas onde só pairam os super-homens, consoante Nietzche.

São tristes, ordinariamente os homens que sentem e pensam no rigo da expressão. Os nossos mais festejados poetas cantaram sob o dominio da dôr.

E' verdade que as mais das vezes os poetas se fazem tristes por vontade, cultivam a tristeza artificialmente.

Tristeza, minha unica alegria.

CORREIA DE OLIVEIRA.

Guerra Junqueiro não admitte um vate que não tenha soffrido: *chorar, crer, amar—eis o triangulo dentro da qual está o destino do poeta.*

Socega poeta; em breve a fresca luz do dia,
Casta como os heroes, loura como a alegria,
Virá engrinaldar de canticos e flôres
Os vossos corações ó tristes sonhadores,
Que andaes por este mundo em busca do Ideal.

GUERRA JUNQUEIRO.

No riso dos verdadeiros humoristas ha magua. O riso reflectido, diz Bilac, é triste. Cervantes, Shakespeare, Montaigne foram melancolicos. O auctor de Gargantua e Pantagruel era, escreveu Sainte-Beuve, um sizudo doutor, — symbolisava bem a majestade da Sciencia.

*
* *

Ha auctores, como Dumas, segundo os quaes deve haver distincção entre tristeza e soffrimento moral; não vemos razões para isso. A tristeza é um aspecto da dôr moral; esta pôde ser mais ou menos intensa e d'ahi o seu polymorphismo.

"El dolor principia con la tristeza y se transforma en desesperacion quando se convierte en passion violenta".

Baseados em tal conceito apresentamos aqui englobadamente as alterações somaticas verificadas num e noutro estado.

A tristeza exerce acção paralyzante sobre os musculos voluntarios; constricção vascular, e por isso, a pallidez e alongamento da face do homem triste; se este falla a voz é fraca e o faz quasi por monosyllabos; No andar, arrasta o corpo como se acaso seus hombros supportassem grande peso; falta-lhe o ar; Lange explica este facto pela contracção espasmodica dos pequenos vasos do pulmão, esvasiando-o. Embora razoavel este asserto, tambem se poderá explicar o phenomeno ligando-o a "influencia do sangue, que em tal caso se carrega de CO₂, sobre o centro respiratorio."

As secreções diminuem consideravelmente, excepção com as lagrimas que ao contrario, augmentam, de modo a innundarem o semblante do soffredor. Segundo Lange, as lagrimas abundantes são devidas á uma reacção vaso dilatadora que succede ao estado de constricção anterior; por isso, continúa o Prof. dinamarquez, surgem sempre á medida que a tristeza diminuem: *lacrima non promanant ab extrema tristitia, sed solum a medio cri.* (Cartesiur De. Pss. animi).

Para Dumas ellas correm nos momentos de soffrimento moral e não nos de abatimento.

A verdade é que, quem está triste acha um lenitivo no derramamento de lagrimas; estas como que desabafam, desopprimem, levando com sigo o movel da angustia: "*pleurer soulage*".

As lagrimas purificam, enaltecem e dignificam a alma;

são nos olhos innocentes de um recém-nato uma alacre e elegante saudação á vida e nos olhos piedosos e immoveis de um agonisante um grito de dôr, uma supplica, uma tocante despedida.

Alegria

«La joie est par l'esprit une riche ceinture.
La joie adoucit tout dans l'immense nature.»

V. HUGO.

A ALEGRIA consoante Ribot, bem se poderá resumir numa unica expressão: dynamogenia. Com effeitos o seu traço caracteristico é o movimento sob os mais diversos aspectos. E' uma emoção verdadeiramente esthenica; condiciona uma superactividade metalolica; augmenta a innervação muscular voluntaria; determina vaso dilatação, exaggera as secreções, põe brilho nos olhos, estimula o coração.

O homem alegre, agita-se, gesticula, anda, canta, ri salta e até pôde chorar.

«Com um brilho estranho nos olhos, a rir nervosamente, gesticulando, ora, sentava-se e lia e relia a carta, ora, quasi aos pulos, todo jubilo, approximava-se da janella que dava para o jardim»

TOURGUENEFF.

«Um clarão sulcou-me a alma. E gritei com um murro sobre o Atlas, que fez estremecer a castissima Senhora do Patrocinio e todas as estrellas da sua corôa: — Caramba, vou fartar o bandulho!»

EÇA DE QUEIROZ.

Referem os historiadores que o chimico Davy ao após ter descoberto o potassio, dansou em seu laboratorio.

E' nas crianças que a alegria mais intensamente se manifesta no particular do exaggero da motricidade; estas quando alegres, gritam, cantam, correm, saltam, etc.

O riso é um dos attributos constantes da emoção em apreço. Lemos algures severa accusação a elle; em que pese a autoridade do seu autor, temos por bem, aqui, fazer-lhe o justo elogio. O riso é necessario, é hygienico, pois que activando a respiração intensifica as permutas entre o ar e o sangue e dest'arte estimula a nutrição. E' tão natural que afflora aos labios da criança sem que ninguem o ensine.

O riso e a sua sub-fórma, o sorriso muita vez dizem mais que as proprias palavras. O sorriso enigmatico e ao mesmo tempo melancholico, com que o pincel thaumaturgico de Vince illuminou o rosto da Joconda, tem a belleza sagrada de um symbolo. "Irmão gemo da lagrima, diz Bilac, expressão de bondade e da maldade, vehiculo da piedade e do sarcasmo, da alegria innocente e da ironia perversa, é uma das duas faces da alma mysteriosa que anima todos os seres e todas as cousas. Todos os seres e todas as coisas., — porque nem somente o homem e os outros animaes ríem e choram. . . Ha risos ás vezes, como ás vezes ha lagrimas nas arvores e nas aguas, nas pedras e nas nuvens." Concluimos com o cantor da Via-lactea, que o riso é universal, é a força, a saúde e a expansão espiritual de todos os seres e de todas as cousas.

O Dr. Duchenne affirma que na alegria, a bocca soffre a acção de um unico musculo, o grande zigomatico. Não nos parece razoavel esta opinião.

Se assim fóra, em tal caso, a bocca tomaria uma só attitude, isto é, os cantos seriam repuxados para traz, uni-

camente. Alguns musculos que se inserem no labio superior tambem entram em acção; elevador proprio do labio superior (levator labii superioris) e, canino, (levator angulioris) particularmente.

A alegria rejuvenesce; a circulação cerebral é augmentada, e por isso mesmo, diz Lange "L'esprit foncione plus vite".

Colera

« Une impulsion consciente qui pousse á infliger une souffrance et á tirer de ce fait une jouissance positive. »

BAIN.

Os antigos com alguma razão viam na colera uma loucura passageira, «*ira furor brevis est.*» Realmente o colerico com os seus impulsos destruidores, com a sua attitude feroz, com o olhar apavorante, com as commissuras labiaes a destillarem saliva, a esbrabouchar, lembra até certo ponto um insano em plena excitação.

Instincto de conservação sob a fórmula offensiva, a colera é bem uma emoção mixta. Nella se registam dois periodos; o primeiro de natureza asthenica é devéras penoso; o segundo esthenico, representa a reacção e por seus symptomas se approxima mais do prazer que da dôr (Ribot). A verdade é que a colera é um estado penoso. A sua objectivação é consideravel, muitissimos são os attributos, que a acompanham; vêjamo-los: vaso dilatação, augmento de innervação voluntaria, augmento das secreções, superactividade cardiaca, perturbações respiratorias, etc.

O colerico tem o rosto esbrazeado, olhos em fogo, os vasos dilatados e uma manifestação que lhe é muito caracteristica, o entumecimento das grossas veias do pescoço e da face, principalmente: «*ora tument ira nigrescunt sanguine venae.*» (Ovidio).

Gagueja, grita, maldiz, cerra os dentes, é toda agitação as narinas se lhe dilatam, a respiração lhe é offegante, a bocca se lhe cobre de espuma, donde a expressão *espumar de raiva*, os movimentos fazem-se-lhe incoordenadamente. Th. Ribot descreve tres periodos na colera, de accordo com a historia de sua evolução; 1.º—corresponde a «fórma animal, ou aggressão real. E' observada em todos os animaes em estado puro, porque não ha tendencias antagonistas que a freiem e alterem.» 2.º—é a fórma affectiva, é sobretudo humana, embora seja vista tambem entre os animaes superiores. «Par la preponderance de l'élément psychique, ou du moins, par l'effacement relatif des mouvements destructeurs, elle me paraît le moment typique de la colere, comme émotion.» 3.º—é a fórma intellectualizada ou civilizada, symbolizam-na o odio, rancor a inveja, o resentimento. A colera em tal caso acha-se subordinada a duas forças antagonicas—o instincto aggressivo que incita e a razão que o refreia, o domina; disto resulta uma parada de desenvolvimento (Ribot).

Emoção Religiosa

No capitulo relativo á classificação dos estados emotivos, dissemos que ao nosso ver, não ha propriamente emoção esthetica, religiosa, moral e intellectual. Se bem analysarmos cada uma dellas, veremos que no fundo é constituida de emoções primitivas, censuradas pela intelligencia. Nenhuma possui objectivação particular; esta depende da supremacia do sentimento primitivo. E' por essa razão que as attitudes, os gestos, a physionomia do extactico religioso oscillam, e modificam-se consideravelmente; ora está pallido, a suar, a tremer de medo, ora contemplativo, ora finalmente, tudo enlevo e jubilo, a sorrir, a manifestar signaes de franca alegria.

O medo é o sentimento primordial de cada religião primitiva ou evoluida (Sergi). Este com o sentimento artistico formam por assim dizer os elementos capitaes de attracção das religiões elevadas. O sublime é um dos poderosos meios de que estas lançam mão para emocionar.

As grandes cathedraes, as mesqrítas gigantescas, os collosaes templos hindús e egypcios attestam-no flagrantemente.

A musica sagrada, quasi sempre depressiva actua junto do medo, augmentando-o.

Os cabellos se eriçam, um frio nos invade, a respiração se enfraquece, um tremor se nos apodera ao ouvirmos num templo apenas illuminado por alguns cirios o «Dies irae» de Gounod.

Admiração, entusiasmo, medo, tristeza, se nos apoderam, egualmente, quando olhamos quadros biblicos onde se deparam scenas as mais diversas; martyrios, heroismo, fé, piedade, etc.

Em resumo, não ha emoção religiosa, mas emoções religiosas; o medo, a tristeza a alegria e admiração particularmente as integram, sob jurisdicção da faculdade de pensar.

Emoção esthetica

... « toda Belleza es una Revelacion, y no se muestra sino a los que iniciados en su culto, saben desgarrar los siete velos de la Sacerdotiza de Isis. »

VARGAS VILA.

ESTHETICA é a philosophia da arte; é a sciencia que tem por objecto o estudo das leis geraes da critica e gosto, applicadas á avaliação e apreciação da intelligencia humana debaixo do ponto de vista artistico (Dice Internacional.)

Etymologicamente vem de *aisthesis*, vocabulo grego que significa sentir; de facto, o bello não é uma idéa, mas uma sensação (Baumgarten).

Sendo sciencia, não tem regras immutaveis como a mathematica, se limita a indicações geraes, pois que o bello nunca poderá ser aprisionado em leis, nem subordinado á principios indestructiveis. O absoluto esthetico é um erro metaphysico, como todos os dogmas, diz o creador de « Ibis ».

Para Kant o bello é uma finalidade sem fim; houve quem o definisse, a expressão da alma pela materia, do espirito pelo corpo, do infinito pelo finito.

S. Agostinho ao sentenciar: *omnis pulchritudinis forma unitas est* o concebe pela ordem o que é falso; muita vez a arte reside na assymetria, «souvent un beau désordre est un effet de l'art» (Boileau).

O bello, sente-se, não se define.

O «juízo final» de Miguel Angelo, a «Ceia de Vinci», a «Transfiguração» de Raphael, os «Nocturnos» de Chopin, o «Tanhäuser» de Wagner, e o «Pensador», de Rodin serão eternos mananciaes de emoções estheticas, as mais intensas.

Estas podem ser depressivas ou exaltantes. Ouvindo-se a melodia de Mascagni, na *Cavalleria Rusticana*, experimenta-se um sentimento pungente, uma tristeza indomita capaz até de nos fazer chorar; o rosto se alonga, uma oppressão invencível prende-nos a respiração, o pulso enfraquece e a dôr nos alcança.

A *Ave Maria* de Gounod tem o poder maravilhoso de despertar na alma do incredulo, pelo menos emquanto a escuta, sentimentos religiosos. A magia, e o mysticismo dos sons põem-lhe deante dos olhos a Symbolisação maxima da dôr materna a deixar cahir dos labios tremulos e exangues, a mais commovente das imprecações: *O vos omnes qui transitis per viam, attendite et videte, se est dolor sicut dolor meus!*

A musica militar ao contrario, excita, conduz ao combate, o mesmo se verifica com a dança.

As apostrophes vehementes de Mirabeau, de Danton, de Robespierre transformaram em energia, a fraqueza do povo francez, levando-o á destruição da Bastilha e da realza. Foram os canticos de Tyrteu que certa vez, conduziram ao triumpho os heroicos espartanos, reanimando-os, incitando-os ao combate.

Emoção esthetica depressiva, experimentamos deante de um crepusculo, á beira-mar, num logarejo rustico; em tal momento, a nossa alma parece attractar a si os tons violaceos,

que o sol prestes a desapparecer, como se fôra um adeus saudoso, deixa no horizonte longinquo. E, sentimos admiração e mêdo, comparando a nossa pequenez, com a magestade do infinito.

Ao contrario, em pleno estio, sob um ceu de turqueza, ao amanhecer, a alegria nos falla ao coração.

As Artes, fontes de emoções estheticas se dispõem, em dois grupos:

1.º — das artes plasticas.

2.º — » » phoneticas.

Ao primeiras comprehendem a pintura, a esculptura e architectura e o desenho propriamente dito. Caracterisa-as a precisão que as torna sobremodo comprehensíveis.

Pintura. — Mercê dos matizes, dos contrastes, dos ancenubios, do brilho das côres, a pintura interpreta bem a alma humana. Estas ultimas, realmente, têm consideravel valor psychologico. Aqui bem se enquadram conceitos exarados no particular, pelo auctor americano William Atkinson, do seu livro «Força da Intelligencia»:

«As côres emocionantes»

«*O Azul* — é a côr vibratoria, pertencente ao Sentimento Espiritual, e representa os varios sentimentos religiosos e emocionaes, fazendo-se de matiz mais claro á medida que exprime o conceito religioso; um peculiar matiz, que poderiamos chamar ultra-violeta, representa um desenvolvimento espiritual da mais alta categoria.

O Amarello — é a côr vibratoria, pertencente aos sentimentos e emoções associadas ao poder intellectual, fazendo-se

mais claro, á medida que a intelligencia sobe ás mais elevadas concepções. O amarello escuro é a côr de baixa intellectualidade; a intelligencia scintillante se mostra com um matiz doirado, resplandente.

Ha ainda um tom mais elevado que este, embora raro. Refiro-me ao verdadeiro amarello original, pertencente áquelles que obtêm um alto grau de desenvolvimento occulto; espiritalmente illuminado. Os mais eminentes mestres do Occultismo informam que o tom vibratorio pertencente ao «Espírito» da Essencia do Ser» é uma pura luz branca de brilho maravilhoso.

O Alaranjado—é uma combinação de amarello e vermelho e pertence aos que possuem o orgulho da intelligencia ou ambição-intelligencia, em elevado grau.

O Vermelho—é a côr das paixões em todas as suas phases. O vermelho vivo indica a sensualidade e as paixões animaes. O vermelho escuro é signal de colera e odio; se o preto se apresenta, a colera e o odio nascem da malicia ou da inveja: misturado com o verde, a colera tem sua origem na inveja ou no despeito; quando é puro, denota lucta por algum direito suspeito ou causa ordinaria. Quando esta côr toma certa gradação semelhante a do carmin, indica elevada fórma de amor, fazendo-se mais clara a proporção que o grau do sentimento avança na escala do character. Um amor grotesco e egoista, apresenta-se como carmin escuro, emquanto que o elevado é dum matiz esmaecido e prestes a terminar em suave côr de rosa, quando o affecto é uma realidade e occupa um plano superior.

O Verde—é uma peculiar côr vibratoria, e pertence

a uma serie de phases raras do sentimento e da emoção. Verde escuro é inveja. Verde acinzentado é engano, o matiz se faz mais claro e brilhante á medida que a qualidade da burla ascende nas escalas; uma clara e rutilante gradação é visivel quando ha manifestação de diplomacia, politica, assimilação.

O Cinzento—é uma côr vibratoria negativa; escuro é indicador de tristeza, depressão, melancholia; claro, egoismo esmaecido, mêdo ou terror.

O Preto—é a côr do odio, da malicia, vingança ou similares estados de animo.

Todas estas côres vibratorias, emocionaes, se unem, se misturam em multivarias combinações»,

A Esculptura—encontra na representação da figura humana a sua gloria. Em Rodin tem hodiernamente um dos seus mais geniaes apostolos. Este psychologo pratico com o seu thaumaturgico cinzel deu alma a pedra, fe-la sentir, crisar o semblante de dôr, rir de jubilo, ameaçar de colera, apavorar-se.

A Architectura—é uma arte mixta, visa o *bello e o util*; o sublime é a sua maxima característica.

As artes phoneticas exprimem o bello, mercê dos sons musicaes e dos sons articulados. Comquanto sejam mais expressivas do que descriptivas, graças ás metaphoras de que se servem, diz Ch. Lahr, e á imaginação que vê as cousas, —a poesia sobretudo, participam muita vez do privilegio das artes plasticas: *ut pictura poesis*. As artes phoneticas são: a musica, a eloquencia e a poesia.

A Musica—Houve por bem a alguém dizer que onde

a poesia acaba ahi começa a musica. Realmente é a primeira das artes pela expressão e pelo pathetico, mas é sem duvida a ultima em precisão e clareza.

Tanto é penetrante e cheia de sentimento quanto é vaga. Commove, mas nada descreve nitidamente: porque a imaginação que põe em movimento não é a que produz as imagens, mas sim a que faz bater o coração. Por isso, o seu papel não é representar directamente um objecto, mas exprimir a emoção que esses objectos despertam na alma. (Lahr).

Para attingir o seu escopo, a musica ora é dôce como um beijo, ora impetuosa como uma censura, ora se eleva em tom maior, ora segreda em tom menor, lança imprecações, fulmina, perdoa, geme, commove, conduz ao desprezo.

«La musique agit comme une brulure, come le chaude, le froi au un contact caessant».

«Chopin é o Ser-humano convertido
em soluços, em lagrimas, em ais,
E' o Reflector-sonoro do gemido
do mar, a debater-se contra o caso». *es*

HERMES FONTES.

A Eloquencia é o talento natural de persuadir; não deve confundir-se com a rhetorica que é a arte de bem dizer. (Dice. Internacional). Commove, estimula, convence pela magia da palavra fallada.

Symbolisam-na Demosthenes, Cicero, Pitt, Mirabeau, Guizot, Thiers, Pinheiro Chagas, Ruy Barbosa. Pelo timbre da voz, pela gesticulação e attitude, pelo olhar pela clareza e precisão de idéas o orador emociona, deprime ou exalta.

A Poesia é o consorcio sublime entre a exaltação artistica e o talento literario. E' a ascensão luminosa da alma para depositar um beijo no coração das estrellas, diz Vargas Vila. Quem quer que perpasse os olhos pela «Divina Comedia» sentir-se-á invadido de emoções as mais diversas; mêdo, alegria, tristeza admiração. E' que a poesia indiscutivelmente faz desabrochar estados emotivos dos mais subtis até aos mais complexos. O rythmo e a expressão musical da voz, approximam-na da musica: é a musica da palavra.

Emoção Moral e Intellectual

A moral é um dos elementos de coesão das sociedades «é a consciencia clara ou vaga duma obrigação duma regra do que se deve evitar ou fazer.»

Assim como não existe nenhum povo destituído absolutamente de noção religiosa, egualmente não ha nenhum em que falta por completo a vida moral (Consentini).

A sociabilidade é *conditio sine qua non* para que os sentimentos moraes possam surgir e florescer.

Elles condicionam a idéa do bem mutuo, da ajuda, da cooperação, das relações que dizem respeito a continuação da vida individual na descendencia e consequentemente a idéa da familia.

Faltam nos anormaes psychicos, nos delinquentes innatos ou por corrupção, insensíveis ao ideal de justiça, de ordem e philantropia.

Do respeito alheio, vem reflexamente, o respeito por nós mesmos; e é a sociedade que nos define e nos formúla o instincto da vontade, dando-lhe consciencia (Oliveira Martins.)

O egoismo natural do homem, seu instincto animal, acha-se em constante e ininterrupta lucta com a perfectibilidade que o conduz a vida social, seio onde se geram os sentimentos moraes e sympathicos.

Não ha no sentido rigoroso da expressão um typo de emoção moral e sim, sentimentos moraes.

Estes muita vez de tal modo se exacerbam que fazem desabrochar verdadeiros choques emotivos. E' o caso por exemplo dos actos de devotamento brusco nos quaes um abalo invade todo o organismo.

*
* *

A emoção intellectual diz respeito aos estados affectivos agradaveis, desagradaveis ou mixtos, que acompanham o exercicio das operações da intelligencia (Ribot). Como exemplo este auctor cita o facto de Hamphry Davy ter dansado no seu laboratorio após a descoberta do potassio. Ora, em ultima analyse, a dança do chimico nada mais representa do que a alegria de ter conseguido após longos estudos e repetidas vigílias descobrir um novo corpo chimico.

A propria definição dada pelo professor do «College de France» para a emoção intellectual nada mais representa que uma affirmativa de que ella se resume em estados emocio-naes simples; prazer ou dôr.

As emoções superiores reafirmamos, são estados affectivos sobremodo complexos. Ás vezes trazem o rotulo de sentimento propriamente dito, são calmos, persistentes, traduzem as tendencias, os appetites da nossa organização, outras vezes como se fossem reaes emoções irrompem por um choque; finalmente podem surgir como os caractéres das paixões.

Sentimentos, emoções ou paixões os phenomenos affectivos considerados representam o indelevel traço de união entre o sentir e o pensar, entre a intelligencia e a affectividade, respectivamente a bussola e a força motriz da não humana.

Feci quod potui, faciant meliora potentes.

Conclusões

1.º os sentimentos, as emoções e as paixões comquanto muito se approximem, são aspectos diferentes da vida affectiva.

2.º não ha emoção esthetica, religiosa, moral e intellectual e sim emoções estheticas, religiosas, etc.

3.º o mecanismo das emoções em que pesem as theorias que pretendem te-lo explicado, inda persiste desconhecido.

M

Visto.

Secretaria da Faculdade de Medicina da Bahia.
30 de Outubro de 1924.

O Secretario interino,
Anselmo Pires de Albuquerque.